

Gabriela Leal Rios

A resistência do simbólico

o Setor de Ervas no Mercado Ver-o-Peso, em Belém, como território de reprodução da cura e dos anseios de felicidade em meio urbano

(...) porque ao lado da comida, da bebida, dos gêneros de subsistência, dos objetos regionais, dos artigos corriqueiros, há de persistir, sempre, o mundo do sobrenatural. Os anseios de felicidade. Os eternos sentimentos do amor e do ódio. (TOCANTINS, 1987, p. 337-339)

Através destes registros fotográficos — realizados, em conjunto aos trechos de entrevistas citados ao longo do texto, durante um trabalho de campo em maio de 2021 como parte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Na banca de cheiro: uma geografia olfativo-imagética das paisagens dos vendedores de cheiro no Ver-o-Peso” —, busca-se expressar a imagética do Setor de Ervas do Ver-o-Peso e afirmá-lo enquanto

território de reprodução de práticas de cura e dos “anseios de felicidade” (TOCANTINS, 1987) em meio urbano. Entendendo que as práticas que trazem significado ao território dos vendedores de cheiro e que guiam a produção dos seus artigos se inserem em um contexto de reprodução de saberes populares, tradicionais e ancestrais, este território se configura de forma a contrariar a racionalidade urbana colonial que guia a normatividade das formas de vida na cidade.

Banhos de cheiro, garrafadas medicinais, pomadas, perfumes atrativos, descarregos. Para atrair o amor, o “che-ga-te-a-mim”, “pega-e-não-me-larga”, “faz-querer-quem-não-me-quer”; para prosperidade e dinheiro, o “abre-caminho”, “chama”, “chama-freguês”, “banho-da-felicidade”.

“O alecrim eu gosto de usar, jogar na casa, tomar banho, que é pra purificar, tirar as vibrações negativas.”

Gabriela Leal Rios

nascida em Belém, graduada em Geografia pela Universidade Federal do Espírito Santo, integrante do Grupo de Pesquisa em Geografia, Espacialidades e Cotidiano (GESCOT) do CNPq.

gabrielalealriosc@gmail.com

Os pequenos vidrinhos e garrafas, com seu enorme potencial curativo ou que prometem solucionar algum problema através das essências combinadas das ervas, compõem as imagens do Setor de Ervas no Mercado Ver-o-Peso, em Belém - PA. O conjunto de corredores repletos de barracas abarrotadas, dentro do cartão-postal da cidade Amazônica, talvez seja o ponto que reúna de forma mais intensa o fetiche do sentimento olfativo de estar no Pará. Além de um fetiche, entretanto, esse conjunto de práticas com significados simbólicos, envolvendo a utilização dos produtos e a crença no poder das ervas, compõe o cotidiano popular de quem habita a cidade e sugere outras formas de agir sobre o espaço e de colocar o próprio corpo no espaço.

A simples decisão de utilizar um perfume e de “seguir à risca” a instrução de certo erveiro sobre a forma de uso de algum produto insinua possíveis desdobramentos espaciais tanto na escala doméstica, privada e corporal quanto na escala pública e coletiva da vida cotidiana. Para além disso, o próprio trabalho dos erveiros mobiliza o traçado de percursos e redes de relações próprias sobre e na cidade.

Nós temos que comprar ervas também, não só das que têm aqui, mas também das pessoas que trazem pra nós, que se chamam mateiros, e muitos vêm da Boa Vista, da Alça Viária, vêm de todos os cantos, então a gente tem que comprar o que tá faltando, ervas, algumas cascas, alguns óleos medicinais, en-

tão você chega cedo pra comprar mercadoria pra você ter, e muitos já têm encomendados, então entregam diretamente pra gente. Algumas eu ainda pego, ainda tem como eu passando no caminho, olhar e pegar, mas outras eu já compro, todo santo dia.

Associados a um conhecimento indígena sobre a função das ervas e à pajelança, os vendedores de cheiro, segundo eles mesmos, abrigam “duas culturas: a parte medicinal dos índios e a parte mística dos negros quando vieram da África”. Utilizando os conhecimentos comumente adquiridos em um contexto de aprendizado familiar — através de suas mães e avós —, produzem e nomeiam seus preparados, ornamentam suas barracas e, partindo delas, criam sua própria microterritorialidade urbana dentro do contexto comercial que envolve o Mercado. As instruções dos erveiros se associam às imagens que se constroem sobre as formas de uso e sobre as funções de cada produto, caracterizando o Setor enquanto território de reprodução de outras formas de enxergar a relação entre corpo, cura e o simbólico, sugerindo uma maneira de tensionar as normas das formas de sensorialidade e de percepção no urbano.

REFERÊNCIAS

TOCANTINS, Leandro. **Santa Maria de Belém do Grão Pará**. Belo Horizonte: Itatiaia Ltda., 1987 ■



Suzana organiza as ervas na barraca pela manhã



Barraca do Garcia



"'Catinga de mulata', uma erva muito cheirosa, serve pra abrir caminho, pra sorte, pra quem tem entidade pra aparecer a coroa, mas, na medicina, o chá dela com outras ervas que acompanham ela, pra pressão, pra coração, pra derrame, tanto pode fazer chá pra beber quanto pode fazer infusão pra passar no local."

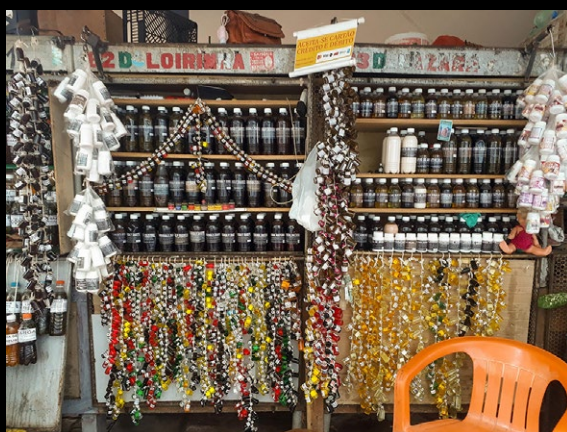


“Geralmente você toma o banho normal, depois pega esse banho, você pode dissolver na água, jogar do pescoço pra baixo, 5 minutinhos, tem gente que gosta de deixar um tempo, tem gente que gosta de vestir uma roupa branca, dar uma volta pela frente de casa, e depois tira, com sabão de coco, com sabão de arruda, com o que você quiser, pra limpar o corpo.”

Barraca do Seu Zezinho



“A pomada milagrosa aqui cada qual sabe seu segredo de fazer, o meu é andiroba, copaíba, pequi, arnica, cânfora, sebo de carneiro, além disso, tira a tintura das raízes e ervas, pra botar no meio, pra artrite, artrose, bursite, coluna, derrame, pra AVC e pra dor de cabeça.”



“Eu quero o natural, eu gosto do natural, que esse daqui com certeza faz efeito, você vê o resultado, e a química nós fica tomando [sic], às vezes faz bem pra umas coisas, piora outras, esse não, já vai arrastando todos os resíduos da parede do intestino, vai tirando tudo.”

Barraca da Tia Coló ▶